

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS



A UNIDADE NÃO É FÁCIL MAS É NECESSÁRIA

As comemorações da data de 31 de Janeiro, mostraram-nos, infelizmente, que todos aqueles que vêm numa República democrática a melhor forma de governo, não souberam dar-lhe aquele carácter de unidade que o momento exigia, deixando-se envolver em pequenas querelas que só ao adversário salazarista beneficiam.

A história do movimento revolucionário de 31 de Janeiro de 1891 ensina-nos que uma das causas principais da sua derrota foi a ausência de uma unidade firme entre os que então desejavam mudar o regime. A experiência do passado deveria ser aproveitada pelos democratas de hoje, por todos os que desejam uma mudança de regime para que o povo possa escolher em Eleições Livres a forma de governo que deseja ter. Daí a terem soado bem na sala do Coliseu do Porto, no passado dia 31 de Janeiro, as palavras do Dr. Fernando Lopes ao dizer:

«Faço um apelo à unidade de todos os liberais republicanos e democratas, pois, da sua união nasce a compreensão entre os homens de boa vontade».

A unidade é, antes de mais nada, um conjunto de forças e de vontades, cada uma delas com as suas concepções políticas e

táticas de acção próprias, com os seus dirigentes e também com as suas posições de classe. Isto significa que não é fácil realizar a unidade. Para chegar a ela é preciso primeiro encontrar um ponto ou vários pontos comuns para a acção também comum, com vista a atingir-se determinado objectivo igualmente comum.

No momento actual, a unidade que o nosso povo precisa de ver realizada rapidamente é a coligação numa verdadeira frente eleitoral, única forma, segundo nós, de se obterem sucessos concretos nas próximas eleições para deputados.

Mas isto não é tudo. Por vezes, o mais difícil é chegar-se a acordo quanto à tática, às formas da organização a pôr em prática, tanto para o conjunto nacional, como para esta ou aquela região, cidade, etc... A composição dos organismos de unidade também nem sempre é fácil. E como tudo isto é difícil, muitas vezes, comunistas e não comunistas, escolhem o caminho fácil de se manterem agarrados com pouco às suas posições, provocam querelas, em vez de procurarem o caminho das concessões mútuas, até ao possível, sempre com os olhos postos na unidade.

Foi isto que se verificou durante as comemorações do dia 31 de Janeiro no Porto. Em vez de comemorações com a participação de todos aqueles que aspirem a uma República democrática, assistiu-se a comemorações separadas para regozijo dos inimigos da liberdade. Ao receio daqueles que perflham uma política de exclusões, porque se deixam impressionar, já não apenas pelo espantinho do comunismo, mas também pela bandeira anti-esquerda, ambas agitados pela camarilha salazarista, responderam os democratas menos conservadores e da esquerda com comemorações separadas. Que resultou de tudo isto? Resultou que nem um nem outro acto comemorativo tiveram aquele brilho, aquele entusiasmo e espírito combativo habituais.

É justo, pois, considerar como prejudicial aos democratas, aos anti-salazaristas, ao povo, o espírito de falta de aproximação que triunfou entre os democratas e republicanos do Porto a quando das comemorações do dia 31 de Janeiro.

A unidade pressupõe a necessidade da existência de um espírito de compreensão de todas as partes a unir perante certas posições desta ou daquela parte. A nossa resposta àqueles que pretendam conhecer a posição política deste ou daquele democrata (não se deve esquecer que actuamos na clandestinidade e que o alvo da repressão são os comunistas) para ver se podem ou não participar nesta ou naquela acção, a nossa resposta, dizíamos, deve ser só uma: **DESEJAMOS A UNIDADE A BATE-MO-NOS-POR ELA.**

Nós, comunistas, batalhamos pela unidade de tudo que deseje uma mudança de governo, porque estamos convencidos de que só por este caminho se conseguirá tal mudança; porque, por outro lado, estamos convencidos que esse é o desejo da maioria do nosso povo. Nada mais nos move na batalha que travamos pela unidade que servir o povo.

A SACOR TEVE QUE DAR AUMENTO

Foi uma indignação geral quando, depois da festa do Natal, com a presença do «ministro das promessas», Veiga de Macedo, mais de 1.500 operários e empregados verificaram que não haviam sido anunciados os aumentos que esperavam e pelos quais há muito lutavam.

Logo no dia seguinte, com a simpatia dos engenheiros, começou a circular um abaixo assinado à administração a pedir aumentos, que se espalhou rapidamente.

De nada serviram as tentativas dos bufos legionários (quase que houve pancada) para darem cabo das listas de assinaturas, apesar de ainda terem inutilizado algumas. De nada serviram as ameaças da administração de que teria de despedir 500 operários para conceder os aumentos. Foram enviadas à administração cartas com recortes de jornais sobre aumentos já concedidos por outras empresas. E entre os operários crescia a disposição de ir em para a greve.

Foi tudo isto que levou a administração da SACOR a conceder os aumentos: 20 a 25% para os operários, e 15 a 20% para os empregados e engenheiros.

O que prova este belo exemplo de unidade e combatividade dos operários e empregados da SACOR? Que é POSSÍVEL, MESMO CONTRA A POLÍTICA DO GOVERNO DE SE OPOR A AUMENTOS DE SALÁRIOS, MESMO CONTRA O TERROR, AS AMEAÇAS E AS TENTATIVAS DE DIVISÃO LUTAR E CONQUISTAR MELHORES SALÁRIOS E ORDENADOS.

AMNISTIA, DESEJO DE TODO O POVO

Na medida em que sente que as forças populares se organizam e se preparam para novas lutas, o governo aumenta a repressão e o terror com o propósito de as irar. Provocações inísimas são vítimas da senha e da vigilância constante dos esbirros. Altas horas da noite, escondidos entre as árvores, forças da GNR, da Legião e da PIDE armados com pistolas saltam à estrada e identificam os transeuntes que passam em Beja, Borba, Estremoz, Alameda, Barreiro, Alhos Vedros, etc. Têm tido lugar prisões em Avis, Benavite, Aljustrel, S. Domingos, Barreiro, Ilhavo, Fafe, Lisboa, etc.

Os longos interrogatórios, as incomunicabilidades, as torturas, os castigos tornaram-se hábito nas prisões salazaristas e nos antros da PIDE. Muitos presos com a saúde abalada por longos anos de cativeiro são conservados sem julgamento durante anos como Georgette Ferreira, Maria Angela, Carlos Costa e Rolando Verdial. Outros são mantidos ilegalmente presos, pois já há muito terminaram a pena como Álvaro Cunhal, capitão Henrique Galvão, Francisco Miguel, Manuel Rodrigues da Silva, Joaquim Campino e tantos outros.

Continua há meses presa de novo arbitrariamente a Comissão Central do Movimento Nacional Democrático, aguardando o «novo julgamento». E, após dois anos só agora estão a ser julgados 52 jovens do MUD Juvenil.

Mais outra exposição foi entregue na Assembleia Nacional e enviada a todos os deputados, por ocasião da visita de Isabel II, por mães, esposas e parentes dos presos políticos pedindo uma ampla amnistia para os presos políticos e lembrando que identico pedido já tinha sido feito há tempo por mais de 8.000 pessoas das mais variadas camadas entre as quais o Sr. Arcebispo-Bispo de Aveiro e o Sr. Bispo de Coimbra. Belo exemplo para todos aqueles católicos a quem por amor ao seu semelhante compete prestar ajuda a todos os que sofrem injustiças. Ele mostra ao mesmo tempo como é possível interessar não só católicos como elementos do clero neste humano pedido de amnistia.

Seria de desejar que outros pedidos de amnistia se seguissem e que dezenas de milhares de assinaturas fossem até dentro dos ministérios e da Assembleia Nacional este grato e veemente desejo de todo o povo: **Amnistia! Amnistia! Amnistia!**

Nos últimos 3 anos, manifestações dos estudantes, greves da classe operária e outras formas de protesto e de luta do povo espanhol pelos seus interesses e contra o odiado regime franquista, têm tido lugar em Espanha.

Recentemente em Barcelona os valentes estudantes, transformando uma manifestação organizada pelos falangistas para apoiar os contra-revolucionários húngaros, numa manifestação contra o regime. Em vez de liberdade para os fascistas húngaros, os estudantes pediram liberdade para o povo espanhol.

Por outro lado, mais uma vez o povo de Barcelona, unânime, respondeu pela não utilização dos transportes colectivos na cidade e arredores à tentativa de novo aumento do seu preço. Solidarizando-se com Barcelona Madrid resolveu não se servir durante dois dias dos transportes colectivos.

A unanimidade do povo de Barcelona e de Madrid num problema como o citado, é uma demonstração brilhante do elevado nível de descontentamento activo que o

povo espanhol atingiu e mostra, ao mesmo tempo, que o regime franquista se desagregou passo a passo.

O mar que há-de submergir Franco e o seu odeado regime fascista aumenta cada vez mais de volume e as suas vagas são cada vez mais alterosas.

Naturalmente dá justa luta e aos protestos do povo espanhol e da sua valente juventude, o governo de Franco tem respondido com a repressão, prisões e demissões, mas também tem sido forçado a satisfazer reivindicações e a recuar.

Assim, devido ao movimento de solidariedade de todo o povo espanhol para com os estudantes de Madrid presos por participarem nas manifestações do ano passado, à petição enviada ao governo assinada por dezenas dos maiores valores da intelectualidade espanhola, como Gregório Marañón e Ramón Menéndez Pidal e pelos estudantes, foram postos em liberdade e reintegrados todos os que tinham sido presos.

Porém, recentemente foram expulsos 16 estudantes da Universidade de Barcelona. Os estudantes portugueses que tão belas provas de combatividade deram ainda há pouco na luta pela defesa dos seus direitos, não deixaram de prestar a sua solidariedade aos estudantes de Barcelona, pedindo a sua readmissão ao governo espanhol, por intermédio da sua embaixada em Lisboa, Estrada de Benfica, 39.

Reclamados nos mesmos termos de liberdade, o povo português e o povo espanhol reforçaram os seus laços de solidariedade e a sua amizade na luta comum contra o tirania fascista. Assim será mais fácil para ambos.

OS OPERÁRIOS DA ABELHEIRA RECORREM À GREVE

Cansados com enganosas promessas de aumento de salário que há 18 meses a direcção da empresa lhes vinha fazendo, os operários e operárias da fábrica de papel da ABELHEIRA resolveram paralisar o trabalho.

Assim no dia 4 de Fevereiro, o turno que devia começar às 6 horas da manhã, totalmente apoiado pelos seus companheiros do turno que acabava de largar a essa hora não pegou no trabalho. Os senhores ingleses donos da empresa, tal como têm feito várias vezes na sua fábrica têxtil do Porto, apenas encontraram uma resposta para dar aos justos e humanos pedidos dos operários: **CHAMAR A G. N. R. E A PIDE QUE APARECERAM EM FORÇA PARA INTIMIDAR OS OPERÁRIOS. Apesar desta provocação OS OPERÁRIOS SO PEGARAM NO TRABALHO DEPOIS DE AS FORÇAS REPRÉSIVAS LHEM TEREM GARANTIDO QUE O AUMENTO SERIA CONCEDIDO.**

Os valentes operários e operárias devem estar alertas às promessas e ameaças que ainda lhes continuarão a fazer e se o aumento não vier entretanto, aconselhamos a insistir na luta fazendo novas paralizações.

AO RECENSEAMENTO!

Estamos a poucos dias do termo do recenseamento. Esses dias deverão ser aproveitados ao máximo para se recensearem e ajudar a recensear novos milhares de votadores eleitores. Até ao último dia é sempre tempo para se constituírem novas comissões recenseadoras para ajudar à realização de tão importante tarefa.

Após o dia 15 de Março novos passos é necessário dar: verificar-se se realmente foram inscritos pedindo os respectivos certificados de recenseamento.

Segundo a posição do nosso Partido, iremos às eleições. E indispensável, pois, que todos se recensem e ajudem outros a fazê-lo.

o mercado comum e a crise

Sempre que os grandes países capitalistas se vêm a braços com a crise eles procuram resolvê-la à custa dos pequenos países pouco desenvolvidos exportando para estes os excedentes da sua produção agrícola e industrial. É fácil compreender o interesse que os imperialistas têm em que a produção desses países não se desenvolva e que quando isso liver que suceder sejam os seus capitais a beneficiar. Eles arrecadam lucros fabulosos à custa da ruína da produção e comércio desses países, entre os quais o nosso.

Isto vem sucedendo já há alguns anos, em que o governo de Salazar, enterrado até à raiz dos cabelos na política aventureira e de guerra comandada pelos Estados Unidos, tem aberto de par em par as portas dos nossos mercados sem atender os justos pedidos, queixas e reclamações dos nossos industriais, lavradores e comerciantes. Isto continuará a suceder ainda em maior escala na futura se o governo resolver aceder à entrada de Portugal na zona de permutas livres na Europa (Mercado Comum) que abraça os países da Organização Económica de Cooperação Europeia (OECE) em que se prevê a abolição dos direitos alfandegários para a troca de mercadorias entre esses países.

O atraso técnico da nossa agricultura e indústria — esta ainda hoje privada da sua base principal, a indústria pesada, caso talvez único entre os países da Europa — colocariam o nosso País, e ter lugar a hipótese considerada, numa situação jamais verificada e em que as dificuldades para a produção e comércio nacionais se multiplicariam.

«Clima difícil» chamou o ministro das Finanças ao dos dias que se aproximam. «Posição extremamente delicada»

GREVE

DOS ESTALEIROS DE VIANA

A empresa dos estaleiros de Viana do Castelo em vez de dar aos seus operários a tradicional gratificação do fim do ano, ainda procurou obrigá-los a trabalhar horas extraordinárias para reporem o dia de Ano Novo que lhes havia sido pago. Indignados com esta exigência centenas de trabalhadores fizeram greve de braços caídos junto das máquinas durante as duas horas.

Perante a sua firmeza a direcção da empresa teve de recuar nos seus intentos.

assim classificou o ministro da Presidência a do nosso País neste assunto. E porque? Porque a maior parte do nosso comércio com o estrangeiro se faz com os países em causa (da OECE).

Outra seria porém a situação se o governo não fizesse ouvidos de mouco aos apelos e pedidos dos nossos industriais, comerciantes e agricultores para que se alarguem as nossas relações comerciais como todos os países do mundo sem qualquer distinção. Então já não haveria que recuar repressões, pressões e repercuções na nossa economia, para não falar no aspecto político, pois como disse o ministro das Finanças: «... a organização deste mercado pressupõe a existência de órgãos dotados de poderes supra nacionais». E sabe-se o que isto significa: São mais limitações à nossa independência e soberania nacionais.

Neste beco sem saída em que se colocou, pois qualquer que seja a sua decisão as repercuções desta far-se-ão sentir desfavoravelmente na nossa economia, conforme disse o Dr. Marcelo Caeleto, quem é que o governo tem a apoiar, a inclinar? Tem, no campo internacional, os imperialistas americanos (Eisenhower) foi bem claro na sua mensagem ao Congresso onde declarou que a criação do Mercado Comum interessava muito aos americanos e os imperialistas ingleses. Estes, segundo o jornal «O Século» de 15-12-56, «por motivos de carácter político, pretendem que a zona de permuta livre se torne uma realidade o mais breve possível». E o mesmo jornal deixava bem claro que a visita de Isabel II de Inglaterra estaria relacionada com a necessidade de aplanar dificuldades que haviam surgido sobre este assunto e de desanuviar «um futuro carregado de nuvens».

E no campo nacional? Só a grande burguesia com ligeiros e compromissos com os monopólios internacionais pode defender tal política. A burguesia nacional, a pequena, a média burguesia, os trabalhadores reclamam sim uma política de amplas relações comerciais com todos os países do mundo.

A verdade é que tudo isto não faz mais do que contribuir para isolar a camarilha governante, para que novas camadas de burguesia nacional que ontem a apoiavam, se desliguem dela. Tudo isto contribui necessariamente para unir numa frente cada vez mais ampla maiores camadas da população interessadas numa política que tenha em conta os interesses da Nação. E isto não pode deixar de fortalecer as fileiras da oposição anti-salazarista.

FACTOS SÃO FACTOS

O jornal «O Século» de 8-2-1957, afinando pela batuta de Washington, noticiou em grandes parangons, que as despesas militares da União Soviética para 1957 eram de 677 milhões e 600 mil contos. Isto é mais ou menos correcto.

O que já não corresponde à verdade é dizer-se na mesma notícia que as despesas militares dos Estados Unidos correspondem apenas a 10,7% da receita total, mas sem citar quaisquer verbas. Tal facto não deixa de ser sintomático.

Em relação a 1956, as despesas militares da União Soviética em 1957 serão menos 6 bilhões de rublos. Para a construção de casas de habitação foram destinados mais 5 bilhões do que em 1956.

Em 1957, as despesas militares dos Estados Unidos aumentaram em relação a 1956, de 2 bilhões de dólares. E nos últimos 3 anos passaram de 39 bilhões de dólares para 45 bilhões, ou seja 63% do total do orçamento dos Estados Unidos e não 10,7%, como mentirosamente escreveu «O Século». No mesmo espaço de tempo, as despesas militares da União Soviética sofreram uma baixa de 15 bilhões de rublos, passando de 20% do total das receitas para 16%.

As despesas militares da URSS, país com mais de 200 milhões de habitantes e com uma superfície de 22 milhões de quilómetros quadrados somam, para 1957, 24 bilhões de dólares, ou 676 milhões e 400 mil contos. As dos Estados Unidos, país com 170 milhões de habitantes e uma superfície de 8 milhões de quilómetros quadrados, somam 45 bilhões de dólares, ou 1 bilhão e 287 milhões de contos.

Porque seria que o jornal «O Século» não mostrou interesse em informar os seus muitos leitores de que o orçamento soviético tinha destinado para as necessidades culturais e sociais 180 bilhões de rublos, precisamente 45 bilhões de dólares, ou 1 bilhão e 287 milhões de contos?

EM DEFESA DA PAZ

Vimos com satisfação que em seu artigo de Fundo «O Século» de 11 de Fevereiro defendia com calor a política de redução dos armamentos, uma política de paz e condenava com igual ardor a política de guerra, do medo, que faz nascer o alimento a desconfiança entre os povos e causa despesas astronómicas. Pergunta com razão o articulista: «O que seria hoje o mundo se as somas fantásticas gastas em armas de toda a espécie tivessem sido aplicadas na criação de novas fontes de felicidade e de progresso de que tanto necessita?»

Somenta o esquecimento e não a ignorância, queremos acreditar, levaram o autor do artigo a atribuir ao sr. Mac Millan, novo chefe do governo inglês, a iniciativa de entrar nesta caminho. Ora, se a memória não nos falha, teríamos de remontar muito para trás, muito antes do sr. Mac Millan sonhar sequer com o chefe do governo para encontrar os autores de tal iniciativa — o governo da União Soviética que há anos vem apresentando insistente e reiteradamente propostas neste sentido, às quais os governos ocidentais têm feito ouvidos de surdo. Quere-nos parecer até que uma das primeiras iniciativas do sr. Mac Millan neste campo foi enviar aos Estados Unidos o seu ministro da Defesa para ali negociar com o governo americano o fornecimento por parte deste à Inglaterra de armas nucleares e projecteis teleguidados com vista à preparação para uma guerra atómica. Mais, nesse mesmo jornal, deste mesmo dia, se podia ler notícias alusivas a isto, assim como à criação na Inglaterra de bases para o lançamento de tais armas. E alguns dias depois fomos, por outro lado que o chefe do governo e ministro dos Negócios Estrangeiros soviéticos, Bulganine e Chepikov, haviam apresentado propostas para a solução pacífica dos problemas do Médio Oriente e da Alemanha.

Se o sr. Mac Millan se apresentasse ante o mundo com os sentimentos que generosamente lhe atribui o articulista seríamos dos primeiros a saudá-lo. Entretanto limitamo-nos a saudar o autor do artigo e estas suas equívocas palavras: «Não é de armas nucleares nem de projecteis teleguidados que as nações precisam, mas de hospitais para os pobres enquanto os houver; de escolas, de habitação clara e limpa e de tudo o mais que possa fazer-lhes a vida boa. No dia em que esta verdade entrar na cabeça dos senhores do mundo (aqui escreveríamos imperialistas) o pesadelo da guerra terá desaparecido para sempre.»

Resta-nos acrescentar que serão os povos que terão que meter esta verdade na cabeça dos senhores imperialistas. Como? Pela sua luta diária pela paz.

Muito nos apraz declarar com o articulista que «destruir o prestígio da força bruta, acabar com a política de guerra é uma necessidade imperativa que só os obedecidos e os agentes de interesses ilegítimos não admitem». Sabe-se bem quem são esses agentes dos interesses ilegítimos: trata-se de alguns dirigentes do mundo capitalista e em primeiro lugar dos Estados Unidos, verdadeiros agentes dos fabricantes de armas. Na realidade nada de mais ilegítimo do que para que uma General Motors, um Krupp, um Rockefeller e outros potentados do mundo capitalista arrecadem todos os anos milhões e milhões de contos de lucros tenham que morrer de fome ou nos campos de batalha milhões e milhões de homens, mulheres e crianças!

O articulista pergunta com muita razão: «Um entendimento sincero entre eles (refere-se aos Estados independentes) não lograria aproximá-los, habilitando-os a resolver em torno da mesa de uma conferência os seus dissídios, de modo a dispensá-los de recorrerem à força para os liquidarem, afofando-os em destroços e em sangue?»

Nós acreditamos, como aliás o articulista parece também acreditar, que sim, que é possível tal entendimento. Para tanto basta que os povos de todo o mundo pressionem os seus governos deste a entrarem em tal caminho, a aceitar as repetidas propostas feitas pela União Soviética, para uma Conferência Mundial com esse fim entre as grandes potências do Mundo. Se o povo português revelar por todas as formas junto dos dirigentes salazaristas o seu desejo de que se adote tal caminho, de que se abandone a política da força e da guerra para se entrar numa política de negociações com vista ao fortalecimento da paz, ele terá dado a sua contribuição indispensável a esta nobre e elevada luta.

TRIBUNA DO LEITOR

camaradagem

Aos operários, aos trabalhadores deve animar um grande espírito de fraternidade que una a todos. Quer trabalhem com cortiça, com madeira ou com ferro, somos todos operários, vivemos todos nas mesmas condições que nos obrigam a vender o esforço dos nossos braços para viver. Mas, particularmente aos operários da mesma classe e da mesma empresa deve ainda uni-los maior camaradagem e maior amizade, porque têm muitos mais problemas exactamente iguais.

Os operários corticeiros devem também pensar nisto e reforçar a sua boa camaradagem e a sua amizade por todos os colegas.

Na fábrica de cortiça onde trabalho em Lisboa isto não acontece, pois os operários têm o hábito de se rirem quando algum é castigado. Isto não está certo porque nós não nos devemos rir porque o que acontece a um daí a pouco pode acontecer a nós. O que devemos fazer é pormo-nos ao lado do operário e reclamarmos contra o castigo. Se os operários se unirem e reclamarem sempre todos contra os castigos essa moda terá que acabar. Sejamos pois todos bons camaradas, operários corticeiros!

José Manuel

50 doentes a dormir no chão

Tenho uma pessoa de família doente que necessitava ser internada no Hospital Júlio de Matos onde mais facilmente poderia ser tratada.

Mas a sua doença é crónica e por isso recebi esta resposta do director quando pedi novamente para a internarem: «Há 50 doentes a dormir em colchões no chão, não havendo possibilidades de internamento, principalmente para doentes crónicos.»

É por isto que saem do hospital alguns doentes ainda por curar e que cé ora são acometidos de novas crises. E então lembrei-me que os jornais notificaram há tempos ter sido morto com um tiro pela G.N.R. um doente mental a quem dera uma fúria. Como se tratasse dum feral!

Quando sai do hospital naquele dia, perguntei a mim mesmo para onde irão os milhares de contos que todos entregamos ao governo.

Uma mãe

RECORDANDO O 7 DE FEVEREIRO

O 7 de Fevereiro marca o primeiro movimento contra as forças da reacção que há pouco se tinham apoderado da governação do país. Este movimento, onde caíram muitos portugueses honrados aos quais prestamos a nossa homenagem, só não saiu vitorioso porque o povo, com a classe operária à cabeça, não teve nela a participação que podia ter tido.

Desde então várias tentativas deslogadas do povo se têm feito para derrubar o regime, que à custa do terror e manobras divisionistas se têm aguentado no poder, até aos nossos dias. Para todos os que têm participado nestas tentativas, de cuja boa fé nós não duvidamos, estes factos devem servir de meditação.

O Partido Comunista Português não é profeta. Mas sempre tem dito e continua a

dizer que só os esforços conjugados de todas as correntes anti-salazaristas em estreita colaboração com o povo e a classe operária, terão a força suficiente para dar ao país o regime que satisfaz os anseios de liberdade de todos os portugueses.

RÁDIO MOSCOVO

Transmite para Portugal, todos os dias, das 21 horas às 21,30 pelas ondas de 25 e 31 metros e das 22 h. às 22,30 em 25, 31 e 41 metros.

NOTA: As condições de audição melhoraram consideravelmente.

QUANTIAS RECEBIDAS DE AMIGOS DO PARTIDO

NOVEMBRO DE 1956		Lénine B		Seara Ver.	
Abaixo o fascismo	5.00	Idem B	8.50	Idem B	8.00
Abaixo o salazarismo	5.00	Idem C	10.00	Sempre a lutar	92.00
Alex	20.00	L'Huma.	86.00	Uma ami. do P. B.	20.00
Amiga nova	10.00	Lib. dos com. p. n.	5.00	Uma ami. do P.	2.50
Ami. ausente	288.00	Lib. do cam.	77.00	Idem	20.00
Amigo da liberdade (z)	17.50	Idem do c.	42.50	Idem	5.00
Ami. do Povo	17.50	Vitoriano	42.50	Uma mãe com.	650.00
Aumento de salários	5.00	Idem	55.00	Um. gr. de dem.	80.00
Avante para os 6 contos	610.00	Lib. Isaura	10.00	Uni. Anfi. Sala.	90.00
A vit. a nossa	5.00	Lista do Natal	92.50	Uni. anti. sala.	50.00
Comerciante vermelho	5.00	Luz do C. Pr.	50.00	Luta do povo	140.00
Contra a vida cara	10.00	Luz	30.00	Idem	1.350.00
Emp. sério	15.00	Melenkov	8.50	Idem (S)	1.000.00
Eu também luto	2.50	Meridino	27.00	Idem	30.00
Fil. da Paz	7.00	Idem	70.00	Idem	30.00
Idem	5.00	Mineiros	10.00	Idem	30.00
Fonte Verme.	8.00	progressis.	10.00	Idem	30.00
Fronte Popular	40.00	Morte ao fascismo (B)	100.00	Idem	30.00
G. Vidigal	20.00	Novo S. vivo a paz	27.50	Idem	30.00
Indústria	65.00	O. P. é a vida	57.50	Idem	30.00
Progressista	200.00	Ope. do Sado	70.00	Idem	30.00
Lib. Isaura	10.00	O amanh. é nosso	227.50	Idem	30.00
Luz	25.00	Ope. comunis.	100.00	Idem	30.00
«Verme»	85.00	Pela paz	1.000.00	Idem	30.00
Marquês	60.00	Pela unidade	500.00	Idem	30.00
Mineiro progressista	20.00	Perd. Soares A.	25.00	Idem	30.00
O. P. avanço	20.00	P. Naruda	228.50	Idem	30.00
Pombeiro	250.00	Polizier	140.00	Idem	30.00
Kurais com.	35.00	Pombeiro	150.00	Idem	30.00
Taberneiro Verm.	50.00	Portugal democr.	2.005.00	Idem	30.00
Taberneiro Progressista	50.00	Povo vence	26.50	Idem	30.00
Uma mãe com.	500.00	Presos Poli.	5.00	Idem	30.00
Um comer. de Alagés	5.00	Idem	5.00	Idem	30.00
Vidas preci.	23.50	Progresso	10.00	Idem	30.00
		Proletários	20.00	Idem	30.00
		Pronta para a luta	5.00	Idem	30.00
		Recenseamento honesto	100.00	Idem	30.00
		Republicanos unidos	30.00	Idem	30.00
		Rubra Negra B	40.00	Idem	30.00
		Santos	124.00	Idem	30.00
		De um casal comunista recebemos alguns géneros		Idem	30.00

ECOS DO BRASIL CONTRA A CENSURA SALAZARISTA

A «Revista Branca» do Rio de Janeiro, órgão literário trimestral publicado em cinco línguas, sob o patrocínio dos «Serviços de Documentação» do Ministério de Educação e Cultura do Brasil publicou com o título «A censura artística em Portugal» no seu número 31 um Editorial em que se traça um quadro bastante realista da situação angustiosa dos nossos escritores, poetas, artistas plásticos e da música.

«A vida literária e artística em Portugal arrasta-se aos pés da censura. Na literatura de ficção um elevado número de escritores já conhece os estigmas do fascismo português», lê-se nesse Editorial.

Num vivo e interessante artigo «A censura à imprensa e ao Livro» publicado no jornal «Portugal Democrático» de 6-10-1956, editado no Brasil, o escritora portuguesa Maria Archer foca através da sua própria e dolorosa experiência a acção

nafasta da «censura salazarista» (como ela lhe chama) e lança um veemente apelo à ONU, à UNESCO, aos escritores brasileiros, de todo o mundo para que ajudem a pôr cobro a esta situação de dor e vexame que se verifica nos dois países da Península: Portugal e Espanha. Como ela diz: «Fala-se muito da Cortina de Ferro e pouco na dos Pirinéus. B detrás desta que as censuras oprimem a imprensa e o Livro de dois países, a sua Arte e o seu Pensamento.»

23 DE FEVEREIRO dia do exército soviético

O glorioso Exército Soviético, criado por decreto do governo dos soviets, a que presidia Lénine, a 15 de Janeiro de 1918, travou a sua primeira batalha no dia 23 de Fevereiro do mesmo ano, esmagando os invasores alemães que queriam apoderar-se de Petrogrado (Leninegrado).

Desde então o Exército Soviético tem travado grandiosas batalhas em defesa do trabalho pacífico dos povos soviéticos, da integridade territorial da primeira grande pátria do socialismo e pela libertação dos povos oprimidos pela barbárie nazi-fascista, o que lhe granjeou a simpatia e o carinho das pessoas simples de todo o mundo.

Em nossos dias, o Exército Soviético continua a ser a melhor garantia de defesa da liberdade e do progresso dos povos. Ainda recentemente ele, o pedido do governo revolucionário operário e camponês da Hungria, correu a ajudar os trabalhadores húngaros a defendê-los em suas conquistas socialistas e a independência de sua pátria, contra os mercenários fascistas que pretendiam impôr ali de novo o regime de escravidão imperialista.

Na passagem de mais um aniversário do dia do Exército Soviético, o Avante presta homenagem a todos os que nos seus fileiros caíram em defesa da liberdade, da democracia e do socialismo.

APELO A TODOS OS SIMPATIZANTES E AMIGOS DO PARTIDO

Amigos! Para que o Partido possa continuar a fazer face às suas crescentes tarefas, muitas delas ligadas aos próximos actos eleitorais e corresponder à confiança que o nosso povo nele deposita, precisa urgentemente de aumentar de uma maneira decisiva as suas receitas. Para isto apela para a classe operária, para todos os trabalhadores honrados, para todos os militantes, simpatizantes e amigos, no sentido de contribuírem com o que podem e de tomarem as mais variadas iniciativas com vista a aumentar as receitas do Partido.

Que se alarguem e criem novos grupos de amigos do Avante!

Que cada um pague a sua colação, a imprensa e envie os seus donativos!

O CUSTO DE VIDA SOBRE OS SALÁRIOS E ORDENADOS DEVEM SUBIR TAMBÉM!